

Proponente: Audrey Setton Lopes de Souza

Área da Psicologia: Avaliação Psicológica

O USO DO DESENHO COMO TÉCNICA DE INVESTIGAÇÃO DA PERSONALIDADE - NOVAS CONTRIBUIÇÕES

Justificativa: As técnicas projetivas gráficas configuram-se como um importante instrumento de avaliação da personalidade amplamente utilizado tanto no contexto clínico, inserido em um processo psicodiagnóstico, quanto em outros contextos de avaliação psicológica. Ampliar o alcance do uso do desenho nestes contextos é o objetivo dos trabalhos incluídos nesta mesa. A inclusão da proposta de um desenho conjunto realizado pela família apresenta-se como uma inovação no uso desta ferramenta que permite que esta opere tanto no nível diagnóstico quanto alcance uma possibilidade de transformação da dinâmica familiar. Trata-se da proposta de um psicodiagnóstico de caráter interventivo, modalidade que permite tornar ainda mais proveitoso o processo psicodiagnóstico ao além de atender às demandas solicitadas pela família também engajá-las no processo tornando-as mais responsáveis por suas demandas. Incluir a dimensão do desenvolvimento na análise destes procedimentos é um cuidado imprescindível para permitir uma maior acuidade e precisão na análise destes resultados. Os participantes da mesa são experientes professores e pesquisadores na área de avaliação psicológica e estão inseridos em diferentes instituições de ensino e pesquisa do estado de São Paulo (IPUSP; UNESP - Univ. Estadual Paulista; Universidade de Taubaté ; Universidade Guarulhos – SP e Universidade Plesbiteriana Mackenzie) o que permitirá um diálogo rico que sem dúvida ampliará o alcance destas novas propostas de avaliação fomentando a produção de novos conhecimentos na área.

Coordenador: Audrey Setton Lopes de Souza

O USO DO DESENHO CONJUNTO NA ENTREVISTA FAMILIAR: UMA PROPOSTA PARA O PSICODIAGNÓSTICO DE CRIANÇAS. Audrey Setton Lopes de Souza (Universidade de São Paulo/São Paulo/SP) e Maria Regina Brecht Albertini (Universidade Presbiteriana Mackenzie/São Paulo/SP).

Na área do psicodiagnóstico de crianças, a literatura científica tem apontado para a orientação de que o uso do desenho pode ser utilizado como um valioso recurso. Além disso, a clínica com crianças tem exigido mudanças no manejo de algumas situações, modificações no enquadre clássico proposto para atendimento, como a inclusão dos pais na sessão. Nessa perspectiva de trabalho, os atendimentos com crianças têm considerado cada vez mais a possibilidade do uso da entrevista familiar nos processos de psicodiagnóstico e de psicoterapias. A premissa básica apontada é a de observar in loco as situações descritas pelos pais nas entrevistas de anamnese, as queixas trazidas por eles e, ao mesmo tempo, as atitudes das crianças na presença deles. Inserido nesse campo de estudos, esta investigação objetiva discutir a possibilidade do emprego desse recurso com a ampliação de mais um elemento, qual seja: a realização de um desenho conjunto pelo grupo familiar presente na entrevista familiar diagnóstica. Como método, utilizamos o clínico-qualitativo, com fundamentação psicanalítica, sobretudo a desenvolvida por Donald Winnicott. Em termos de procedimento, em uma instituição de ensino superior, dois psicodiagnósticos de crianças foram efetuados. Em ambos, o trabalho consistiu nos seguintes passos sequenciais: entrevista de anamnese com os pais, observação lúdica com a criança, Procedimento de Desenho de Família com Estória (DF-E), entrevista familiar, entrevista devolutiva. Os resultados apontaram que nos dois processos de

psicodiagnóstico efetuados a entrevista familiar propiciou a observação do conflito da criança no grupo familiar; o uso do desenho conjunto facilitou a expressão e a comunicação de conflitos; a experiência compartilhada teve um caráter de diagnóstico interventivo. Nesse sentido, além de uma avaliação psicológica, o processo de psicodiagnóstico realizado implicou numa forma de intervenção clínica que surge da concepção de que toda entrevista clínica é interventiva, na medida em que é oferecido um campo de escuta por parte do analista. Tal campo delimita um lugar para a comunicação, de modo em que a confiança é compartilhada e as expressões são recebidas, contidas e sustentadas. Em outras palavras, é oferecido um limite, uma espécie de moldura em um campo de experiência, um lócus a fim de buscar facilitar a comunicação significativa. Assim, esse espaço potencial é o lugar onde ocorre a comunicação significativa e transformadora. Se fundado nessa orientação, o atendimento clínico pode ser considerado interventivo e rompe-se, assim, a separação entre a fase de psicodiagnóstico e a de tratamento, aproximando-nos de um diagnóstico interventivo. O modelo construído e aqui apresentado procura um modo de realizar a coleta de dados no psicodiagnóstico, ampliando o campo de observação a partir de um dispositivo clínico, no caso o desenho realizado nas sessões facilitando a criação de condições para que ocorra uma experiência e uma comunicação significativa para a família.

Palavras-chave: psicodiagnóstico de crianças, Donald Winnicott, espaço potencial, desenho familiar conjunto.

Nível do Trabalho: Pesquisador - P

AVAL – Avaliação Psicológica

2º Apresentador: Maria Luisa Louro de Castro Valente

O USO DA TÉCNICA DE DESENHO “A NOSSA CASA” ENQUANTO RECURSO NUM PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO. Helena Rinaldi Rosa, Maria Luísa Louro de Castro Valente, Nelson Silva Filho (Universidade Estadual Paulista, Assis, SP).

Quando fazemos um psicodiagnóstico procuramos que seja interventivo, pois consideramos que à medida que o processo de pesquisa da realidade do paciente vai se constituindo no processo de coleta de dados, no levantamento da queixa, no entendimento dos sintomas que se apresentam, vamos também mobilizando os recursos positivos existentes na família e devolvendo dados reflexivos à medida que esse entendimento é realizado. Só assim entendemos como proveitoso este período em que nos colocamos disponíveis e atentos às demandas que nos são feitas procurando, no entanto, que a família se engaje no processo sentindo-se responsável pelas suas demandas. Neste sentido e visando aos nossos objetivos de realizar um processo interativo é que propomos a realização da técnica de desenho “a nossa casa” em nossos atendimentos. A possibilidade de disponibilizar um momento lúdico para a família durante a realização do desenho que propomos, de integrar os adultos e as crianças no mesmo atendimento já que este pode tomar a forma de um jogo que conta com a participação de todos, ao mesmo tempo, facilitando a interrelação na consecussão de um desenho único em que cada um dos membros se utiliza de uma única cor, previamente escolhida. Buscamos entender a família como um sistema e que o desenho não é o resultado da somatória das individualidades dos vários membros, mas sim a representação da interação entre eles num processo consensual para a sua realização. Falar da nossa casa é um modo de poder falar da nossa família, dos sintomas que levaram à procura pelo atendimento e poder olhar para eles com um certo distanciamento integrando a demanda com o que vai sendo elaborado. Além do produzido, o modo como se articulam e interagem ao combinar o que e como vão desenhar é o que nos interessa, observamos esse relacionamento e podemos refletir, junto com a família,

como executam o solicitado. Consideramos que o desenho é um instrumento de valor inestimável tanto no diagnóstico, na compreensão dos casos como se constitui por si só em momento terapêutico para a família. Apresentamos um caso clínico que nos levou às reflexões apresentadas, em que desenhar serviu tanto para uma melhor compreensão do que estava acontecendo com o paciente identificado quanto para a facilitação da constituição do vínculo da família com o terapeuta, melhorando a comunicação e contato entre eles e sendo facilitador no processo de elaboração de seus conflitos. Concluímos que os sintomas apresentados foram representações, tanto individuais quanto relacionais e que a possibilidade lúdica de realizar em família uma tarefa se constituiu em momentos psicoterápicos interventivos durante a realização de um procedimento que, em princípio, é apenas de diagnóstico e que pode ser realizado com sucesso em instituições, seja em unidades básicas de saúde ou clínicas-escolas.

Palavras chave: Psicodiagnóstico interventivo, família, avaliação psicológica, desenho Nossa Casa.

Nível do trabalho: P - Pesquisador

AVAL – Avaliação Psicológica.

3º Apresentador: Paulo Francisco de Castro

ASPECTOS FORMAIS E DE CONTEÚDO OBSERVADOS NOS DESENHOS LIVRES EM UMA AMOSTRA DE CRIANÇAS. Paulo Francisco de Castro
(Universidade de Taubaté e Universidade Guarulhos – SP).

Resumo

O ato de desenhar é natural nas crianças que utilizam tal recurso em suas atividades rotineiras. O presente trabalho objetiva refletir sobre as diferenças observadas nos conteúdos do desenho livre de crianças entre seis e dez anos de idade, com vistas aos elementos evolutivos apresentados. Foram estudados os desenhos elaborados por 74 crianças, com idade entre seis e dez anos, de ambos os sexos, provenientes de escolas públicas e privadas, sem queixas psicológicas ou dificuldades de qualquer ordem. A cada uma delas foi solicitado que realizasse um desenho, com o tema que escolhessem. Os desenhos foram analisados de acordo com a literatura disponível e os dados foram comparados; não foram observadas diferenças quanto ao sexo da criança ou tipo de escola. Os desenhos das crianças de seis anos (N=15) indicaram predomínio de figuras humanas, com poucos detalhes, combinadas com outros conteúdos, revelando busca e valorização das relações humanas. A maior combinação observada foi a produção de figuras humanas com diferentes formas de paisagem. Além disso, houve uso de várias cores, principalmente em tonalidades fortes e com pressão forte tanto no desenho como para colorir os mesmos. Nos desenhos das crianças de sete anos (N=12), observa-se que ainda persiste o predomínio de figuras humanas, com mais detalhes no desenho; tem-se a inclusão de representações de casas e observa-se um aumento da incidência de paisagem como temática escolhida. O uso das cores e pressão do lápis é semelhante à faixa etária anterior. Nas produções das crianças de oito anos (N=20), tem-se predomínio absoluto de paisagens, revelando uma atitude emocional condicionada à realidade e sensibilidade com seres vivos; além disso, o desenho de paisagem também foi associado a outros conteúdos. Embora haja a continuidade de cores e tons fortes, a pressão passa a ser verificada como média a forte, revelando mais domínio do grafismo.

O estudo dos desenhos das crianças de nove anos (N=15) indica que se mantém o predomínio de paisagem, observa-se mais precisão gráfica, melhor detalhamento dos desenhos e mais controle da pressão que passa a ser de média a fraca. Em termos formais, foi a faixa etária que utilizou maior extensão da folha, podendo relatar necessidade de expansão e de se posicionar no ambiente. Por fim, a análise dos desenhos das crianças de dez anos (N=12), indicou grande variedade de conteúdos únicos, houve a incidência de paisagem, figura humana e, pela primeira vez, simbolismo, revelando o início dos processos de abstração. Os desenhos eram mais elaborados e com mais detalhes, utilizando-se de cores mais claras e com pressão leve. É possível acompanhar o desenvolvimento psicológico a partir da produção gráfica realizada por crianças entre seis e dez anos, aspecto corroborado pela literatura na área. Verificou-se uma evolução nos desenhos de figuras humanas, com o acréscimo sucessivo de detalhes. Ao longo do crescimento, o conteúdo passa de figuras humanas a paisagem, e, por fim, há grande variedade de conteúdos escolhidos, o que indica maior particularidade na exposição dos conteúdos.

Palavras chave: Avaliação Psicológica; Técnicas Gráficas; Desenho Livre; Avaliação da Personalidade; Psicologia do Desenvolvimento.

Nível do Trabalho: Pesquisador - P

Código da Área: AVAL – Avaliação Psicológica

Introdução

O ato de desenhar é natural nas crianças, que utilizam a expressão gráfica como forma de exteriorizar um conjunto de conteúdos psicológicos de forma livre e lúdica. Em suas atividades cotidianas e na hora de jogo diagnóstica é comum que a criança faça desenhos espontaneamente, configurando a presente técnica como uma importante via de acesso a seus dinamismos psicológicos.

Na maior parte das vezes, a criança, ao desenhar, rabiscar ou pintar expressa grande prazer, uma vez que integralmente envolve-se na atividade de desenhar. Durante a tarefa, sorri, faz expressões e caretas, mexe-se, interage. No decorrer do desenvolvimento, a partir da adolescência, perde-se, usualmente, essa satisfação com a ação de desenhar (Silva, 2008).

O ser humano apropriou-se dos desenhos antes mesmo de conseguir expressar-se pela fala, fato observado em registros pictóricos em cavernas, onde é possível verificar estados emocionais e acontecimentos cotidianos da vida desses seres. Mesmo após a aquisição da linguagem, a prática de desenhos sempre permeou as culturas e civilizações, sendo verificada em pirâmides, templos, igrejas e outros lugares com grande significação para os homens (Hammer, 1980/1991).

Silva (2008) assinala que a expressão gráfica que tem como resultado um rabisco ou desenho, tem sua origem no gesto, ou seja, é o resultado de um movimento que fica registrado na folha de papel por meio de um objeto que deixa sua marca por meio da experimentação.

Os desenhos podem ser considerados como expressão do desenvolvimento geral, uma vez que o processo de crescimento pode ser verificado na maturação gráfica da criança, considerando-se a evolução dos aspectos relacionais de objeto, noções de espaço e de perspectiva, além da percepção visual, elementos de psicomotricidade e psiconeurológicos (Van Kolck, 1984).

A mesma autora ainda explica que o desenho, como estratégia psicodiagnóstica, ocupa lugar de destaque e configura-se como técnica indispensável na atividade de avaliação psicológica.

Na análise dos desenhos é possível, segundo Van Kolck (1981), verificar processos adaptativos, expressivos e projetivos:

O processo adaptativo envolve o material apresentado e a tarefa solicitada, ao dispor do material é pedido ao indivíduo uma produção gráfica livre ou dirigida. Produções livres solicitam um desenho qualquer e as produções dirigidas impõem uma determinada tarefa, por exemplo, casa, pessoa ou outro.

O comportamento expressivo diz respeito às respostas particulares do indivíduo, desde o próprio traçado que é fruto gráfico de um movimento como sua pressão, continuidade entre outros observados na produção gráfica, até reações faciais, gestos e condutas que são desencadeados no momento pelo ato de desenhar.

O componente projetivo relaciona-se ao conjunto de conteúdos psicológicos que são expressos no desenho, assim, o indivíduo atribui simbolicamente um conjunto de significados ao desenho, a partir de suas vivências e sentimentos.

Pesquisas sobre o tema

Os dados levantados por meio de desenhos são utilizados sob diferentes enfoques com vários objetivos em pesquisas. Apresenta-se, a seguir, um conjunto de investigações científicas que possuem o desenho como instrumento para coleta de dados:

Fernandes (2006) em um estudo clínico sobre o uso de desenhos em um grupo de crianças entre seis e 8 anos de idade, reflete sobre a importância do uso dos desenhos como recurso psicoterapêutico para a expressão de seus conflitos e habilidades de desenvolvimento. Conclui que o desenho serve como objeto de integração transferencial entre as crianças e com o terapeuta.

Araújo e Lacerda (2008) descreveram um estudo sobre a utilização do desenho na clínica fonoaudiológica no atendimento a duas crianças surdas com nove e dez anos de idade, com vistas ao desenvolvimento das interações e da linguagem. Explicam que por meio dos desenhos e da linguagem de sinais as crianças surdas podem intermediar a aquisição da linguagem e sua interação social.

Natividade, Coutinho e Zanella (2008) em estudo com a utilização de desenhos verificaram a possibilidade do uso dessa estratégia para análise de componentes histórico-culturais em sete crianças com idade entre 7 e 8 anos e concluíram que o

desenho e suas verbalizações são instrumentos muito importantes para complementar dados colhidos nas entrevistas com pais e crianças, auxiliando na compreensão dos significados atribuídos às vivências infantis e suas representações na história dessas crianças.

Dias e Almeida (2009) desenvolveram uma pesquisa envolvendo a participação de 28 crianças, onde o desenho foi utilizado como recurso mediador para facilitação da interação social entre crianças entre dois e cinco anos de idade. Observaram que a utilização do desenho nessa faixa de idade pode promover maior interação e diversidade na interação entre as crianças.

Alexandroff (2010) levantou material bibliográfico e técnico sobre a relação entre a aquisição da linguagem e o desenvolvimento de desenhos. Relata que o aprendizado da escrita envolve a incorporação de um sistema de representação simbólica da realidade que é auxiliado pelo desenho, dessa maneira, considera que o desenho é precursor da escrita e que permite a assimilação das regras que serão utilizadas na expressão verbal.

Silva (2010) realizou pesquisa acerca da utilização de desenhos como forma de expressão de sentimentos e vivências em crianças hospitalizadas. Compreende o desenho como estratégia projetiva que permite acesso à realidade interna das crianças, seus conflitos, emoções e sentimentos. Conclui o estudo sobre a eficiência do uso do desenho no atendimento psicológico no contexto hospitalar.

Observa-se que o desenho pode ser empregado em diversos contextos para pesquisas e atendimentos clínicos em várias áreas.

Objetivo

Refletir sobre as diferenças observadas nos conteúdos do desenho livre de crianças entre seis e dez anos de idade, com vistas aos elementos evolutivos apresentados.

Método

Foram estudados os desenhos elaborados por 74 crianças, com idade entre seis e dez anos, de ambos os sexos, provenientes de escolas públicas e privadas, sem queixas psicológicas ou dificuldades de qualquer ordem.

A cada uma delas foi solicitado que realizasse um desenho, com o tema que escolhessem, sendo fornecidos uma folha de papel em branco, lápis do tipo grafite, lápis coloridos e borracha.

Resultados

Os desenhos foram analisados de acordo com as propostas interpretativas observadas nas obras de Buck (1984/2003), Hammer (1980/1991), Van Kolck (1981, 1984).

Os dados foram comparados, não foram observadas diferenças quanto ao sexo da criança ou no que tange ao tipo de escola frequentada. Por esse motivo, as reflexões a seguir foram organizadas considerando-se a idade das crianças:

Os desenhos das crianças de seis anos (N=15) indicaram predomínio de produções relacionadas à figura humana, com poucos detalhes, combinada com outros conteúdos, revelando busca no contato humano, identificação e valorização das relações humanas. A maior combinação observada foi a produção de figuras humanas com diferentes formas de paisagem. Além disso, houve o uso de várias cores, principalmente em tonalidades fortes e com pressão forte tanto no desenho como para colorir os mesmos, tal aspecto pode estar relacionado ao momento evolutivo da criança e ao início do processo de aprendizagem e alfabetização.

Quando se verifica os desenhos das crianças de sete anos (N=12), observa-se que ainda persiste o predomínio de figuras humanas, agora com mais detalhes no desenho, entretanto com menor incidência do que na fase anterior; tem-se a inclusão de representações de casas e observa-se um aumento da incidência de paisagem como temática escolhida. O uso das cores e pressão do lápis mantem-se como na faixa etária anterior.

Ao verificar as produções das crianças de oito anos (N=20), tem-se predomínio absoluto do desenho de paisagem, revelando uma atitude emocional condicionada à realidade e sensibilidade com seres vivos; além disso, o desenho de paisagem também foi associado a outros conteúdos. Embora haja a continuidade de cores e tons intensos, a pressão passa a ser verificada como média a forte, revelando mais domínio do grafismo.

No que se refere ao estudo dos desenhos das crianças de nove anos (N=15), continua o predomínio de paisagem, observa-se mais precisão gráfica, melhor detalhamento dos desenhos e mais controle da pressão que passa a ser de média a fraca. Em termos formais, foi a faixa etária que utilizou maior extensão da folha, podendo relatar necessidade de expansão e de se posicionar no ambiente.

Por fim, a análise dos desenhos das crianças de dez anos (N=12), indicou grande variedade de conteúdos únicos, houve a incidência de paisagem, figura humana e, pela primeira vez, simbolismo, revelando o início dos processos de abstração. Os desenhos, embora de conteúdo único, eram mais elaborados e com mais detalhes, utilizando-se de cores mais claras e com pressão leve.

Considerações Finais

É possível acompanhar o desenvolvimento psicológico a partir da produção gráfica realizada por crianças entre seis e dez anos, aspecto corroborado pela literatura na área. Verificou-se uma evolução nos desenhos de figuras humanas, com o acréscimo sucessivo de detalhes.

Ao longo do crescimento, o conteúdo passa de figuras humanas a paisagem, e, por fim, há grande variedade de conteúdos escolhidos, o que indica maior particularidade na exposição dos conteúdos.

Pela relevância do tema, sugere-se a realização de estudos mais amplos, incluindo-se outras fixas de idade, além de estudos com grupos clínicos e outras variáveis que possam levantar elementos próprios dos desenhos.

Referências

- Alexandroff, M.C. (2010). Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. *Construção Psicopedagógica*, 18 (17), 20-41.
- Araújo, C.C.M. & Lacerda, C.B.F. (2008). Examinando o desenho infantil como recurso terapêutico para o desenvolvimento de linguagem de crianças surdas. *Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia*, 13 (2), 186-192.
- Buck, J.N. (2003). *Manual e guia de interpretação do HTP – Casa-Árvore-Pessoa*. Tradução de Renato Cury Tardivo e Revisão de Irai Cristina Boccato Alves. São Paulo: Vetor Editora. (Original publicado em 1992).
- Dias, T.P. & Almeida, N.V.F. (2009). Atividade de desenho como mediadora de interações sociais entre crianças. *Paideia*, 19 (44), 313-322.
- Fernandes, B.S. (2006). O desenho como recurso auxiliar em psicoterapia de grupo com crianças. *Vínculo*, 3 (3), 46-55.
- Hammer, E.F. (1991). *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. Tradução Eva Nick. São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 1980).
- Natividade, M.R.; Coutinho, M.C. & Zanella, A.V. (2008). Desenho na pesquisa com crianças: análise na perspectiva histórico-cultural. *Contextos Clínicos*, 1 (1), 9-18.
- Silva, J.M.M. (2010). O desenho na expressão de sentimentos em crianças hospitalizadas. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22 (2), 447-456.
- Silva, M.C.V.M. (2008). Técnicas projetivas gráficas e o desenho infantil. In: A.E. Villemor-Amaral & B.S.G. Werlang (org.) *Atualizações em métodos projetivos para avaliação psicológica*. São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 195-203.
- Van Kolck, O.L. (1981). *Interpretação psicológica de desenhos*. (2a ed.). São Paulo: Pioneira.
- Van Kolck, O.L. (1984). *Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico*. São Paulo: EPU.